



## **DIVINAS E PROFANAS TETAS – MARCHA DAS VADIAS EM RECIFE: ENTRE O DISCURSO DITO E O DISCURSO ABSORVIDO**

Karinne Mireli da Silva Costa (1);

*Faculdade Boa Viagem*

**RESUMO:** A reprodução de padrões e crenças antigas sobre o corpo feminino – que acabam por amordaçar, esmagar o corpo e suas expressões – é um dos pontos mais debatidos pelas organizações e movimentos feministas contemporâneos, que defendem o direito à autonomia de decisão sobre o próprio corpo. Entre os movimentos, a “Marcha das Vadias” propõe, em uma das muitas maneiras de reivindicar e de (re)afirmar esse direito, transformar o próprio corpo num instrumento político, num espaço para se transgredir os limites impostos e lhe inscrever novos significados. Este trabalho objetiva investigar os efeitos do discurso do movimento “Marcha das Vadias” em Recife, no sentido de como ele é absorvido pela população da Região Metropolitana do Recife, expondo a repercussão do movimento nos veículos de comunicação local, referente à edição do ano de 2015, através de pesquisa de campo, análise do discurso e entrevistas a grupos focais, de públicos alcançados pelo discurso do movimento. Para tal, partimos dos pressupostos teóricos de Foucault (1996, 1998, 2000), Heilborn (1997), Borges (2013) e Helene (2013).

Palavras-chave: marcha das vadias, corpo feminino, análise do discurso, subjetividades.

### **INTRODUÇÃO**

se a repressão foi, desde a época clássica, o modo fundamental de ligação entre poder, saber e sexualidade, só se pode liberar a um preço considerável... (Foucault, 1988, p. 11).

Atualmente, as mulheres têm percorrido caminhos de importantes conquistas e maiores espaços de poder e participação na sociedade. Caminhos que foram – e têm sido – adquiridos através de muitas lutas e resistências. Porém, mesmo

diante de mudanças consideradas marcantes, as implicações marcadas por uma cultura machista, patriarcal e heteronormativa junto aos desfalques que existem no que toca ao exercício pleno dos direitos das mulheres nos levam a crer que a estrada ainda é longa.

A reprodução de padrões e crenças antigas sobre o corpo feminino – que acabam por amordaçar, esmagar o corpo e suas expressões – é um dos pontos mais debatidos pelas organizações e movimentos feministas contemporâneos, que defendem o direito à autonomia de decisão sobre o próprio corpo, e que isso não deve acarretar qualquer tipo de



violência. Entre os movimentos, a “Marcha das Vadias” propõe, em uma das muitas maneiras de reivindicar e de (re)afirmar esse direito, transformar o próprio corpo num instrumento político, num espaço para se transgredir os limites impostos e lhe inscrever novos significados.

Este trabalho objetiva investigar os efeitos do discurso do movimento “Marcha das Vadias” em Recife, no sentido de como ele é absorvido pela população da Região Metropolitana do Recife, expondo a repercussão do movimento nos veículos de comunicação local, referente à edição do ano de 2015, através de pesquisa de campo, análise do discurso e entrevista a um grupo focal, que representa uma amostra do público alcançado pelo discurso do movimento. Para tal, partimos dos pressupostos teóricos de Foucault (1996, 1998, 2000), Heilborn (1997), Borges (2013) e Helene (2013).

O corpo não tem valores nem predisposições instintivas, mas está fielmente ligado aos parâmetros e aos paradigmas de um dado grupo social no qual está inserido, segue um determinado contexto cultural histórico específico, pois, de acordo com Heilborn, “[o corpo] só fala a partir de significados atribuídos a ele” (Heilborn, 1997, p. 49).

Historicamente o corpo feminino esteve atrelado a configurações

reprodutivas, na maioria das sociedades esteve reprimido e subjugado por instituições de poder; que lhe atribuíam um lugar secundário. Tanto que hoje encontramos resquícios dessas crenças de forma sutil em nossa cultura, como, por exemplo, papéis “pré-determinados” nos âmbitos de trabalho, com cargos subdivididos como sendo de perfil masculino e perfil feminino, ou mesmo na ideia de que tudo o que a mulher faz, tem por objetivo (ou obrigação) agradar ao sexo masculino, inclusive nos modos de ser e vestir-se.

Em 2014, o Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) junto ao Sistema de Indicadores de Percepção Social (Sips), divulgou uma pesquisa intitulada “Tolerância social à violência contra as mulheres”, que avaliou questões relacionadas à violência e também homossexualidade. A pesquisa continha afirmativas onde a população opinava sobre o nível de concordância ou discordância a respeito da temática. De acordo com o Ipea, existe no Brasil um “sistema social que subordina o feminino ao masculino”, no qual “a violência parece exercer um papel fundamental”. Entre os entrevistados, 58,5% acham que, “se as mulheres soubessem se comportar haveria menos estupros” e 26% concordaram que



“mulheres que mostram o corpo merecem ser atacadas”. O resultado da pesquisa trouxe à sociedade diversos debates acerca do espaço do corpo feminino e seus significados em cada um desses lugares. O que nos remete a um assunto tão enraizado e naturalizado em nossa sociedade: a cultura do estupro e a tendência de culpar a mulher nos casos de violência sexual. O Brasil, segundo dados do *Mapa da Violência 2015 da Faculdade Latino-Americana de Ciências Sociais (Flacso)*, está entre os países com maior índice de feminicídio, ocupando a quinta posição entre 83 países, chegando a ocorrer, aproximadamente, 13 homicídios femininos diários.

Devido ao alto nível de naturalização da violência contra a mulher, frequentemente identificamos crenças e estereótipos machistas sendo reforçados através de novelas e programas de TV em canais abertos. A exemplo disto temos a fala de um apresentador de programa de humor da televisão brasileira, que, em um de seus shows de comédia *stand-up*, fez piadas a respeito de “mulher feia” e estupro, onde entre outras declarações, afirmava que “se a mulher feia fosse estuprada, deveria agradecer”. As declarações foram reproduzidas na revista *Rolling Stone*, em entrevista; o humorista recebeu diversas críticas e notas de

repúdio, além de virar alvo de inquérito policial pelo Ministério Público do Estado de São Paulo.

O movimento Marcha das Vadias tem participação no enfrentamento da violência contra a mulher, em suas mobilizações as representações e crenças que naturalizam a violência contra a mulher são fortemente contestadas. Diante dessas crenças e contestações, discorreremos sobre o corpo feminino, considerando o contexto social, e analisaremos o impacto do discurso do movimento em Recife, com foco no público que o recebe.

### **Corpo em movimento**

A mobilização “Marcha das Vadias” surgiu em protesto a esse tipo de postura e subjugação do corpo feminino. O movimento eclodiu após a afirmação de um policial, que palestrou na Escola de Direito Osgode Hall, em Toronto, no Canadá, onde, de acordo com o Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim), o policial declarou que “... as mulheres deviam evitar se vestir como vagabundas, para não se tornar vítimas...” (HASHIMOTO, 2011). A declaração do policial desencadeou uma mobilização descentralizada pelos discentes do campus, contra o posicionamento disseminado pelo



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

policial. O protesto aconteceu uma semana após a palestra, no dia 03 de abril de 2011, e contou com aproximadamente três mil pessoas. Depois disso, difundiu-se por diversos países, de forma descentralizada, através de iniciativas pessoais e movimentos feministas em parceria. No Brasil, espalhou-se por diversas cidades e, nas primeiras edições da Marcha em São Paulo e no Rio do Janeiro, houve ações performáticas e cartazes que explanavam repúdio a fala do apresentador de TV citado acima. Desde então, as marchas acontecem anualmente.

Entre as pautas defendidas pelo movimento, além da autonomia do corpo, está a autodeterminação reprodutiva, a descriminalização do aborto e a garantia do Estado laico. Através de manifestos escritos e performáticos – coletivos ou individuais –, munidas de vozes, corpos nus e seminus, cartazes, pinturas, gritos de guerra, músicas entoadas, encenações, as participantes constroem um espaço em que podem propagar seus modos de resistências e suas reivindicações. As articulações e divulgações ocorrem através das redes sociais.

Ter autonomia sobre o corpo [...] passa a se referir principalmente a um modo de experimentação do corpo

que, embora não prescindida de transformações na política, na cultura e nas relações interpessoais, é vivenciado como subjetivo. Assim, nas marchas, a sensualidade dos corpos é celebrada; os padrões de beleza feminina são questionados por corpos que reivindicam pelos e diferentes formatos; a menstruação é positivamente assumida. A nudez, [...] parece condensar a um só tempo a capacidade de criticar as normas de gênero e de expressar este modo subjetivo de “libertação” do corpo (Gomes, Sorj, 2014, p. 438).

A nudez é um dos elementos performáticos mais presente na Marcha das Vadias, é o que identifica a marcha como um corpo em movimento: a ressignificação, a validação do corpo como espaço político, de conquistas. Frequentemente o corpo feminino “é decomposto, repensado em cada uma de suas partes e reorganizado na história, no que tange, por exemplo, às roupas que podem vesti-lo, à organização dos cabelos e às tatuagens que lhe são permitidas e até incentivadas na contemporaneidade”



(BORGES, 2013, p. 89-90), ao despi-lo as militantes desafiam os sentidos simbólicos impostos acerca do corpo.

Para Bourdieu (1999), como expõe Deborah Sayão, as mulheres “são tratadas como objetos ou símbolos, cujo sentido lhe está alheio e cuja função é manter o capital simbólico – especialmente a honra – em poder dos homens” (SAYÃO, 2003, p.125). Essa análise acerca da violência simbólica da dominação masculina pode ser exemplificada com a erotização dos seios femininos, que acaba por ‘impedir’ muitas mulheres de amamentar na rua, enquanto os seios masculinos são livres de constrangimentos. Nas marchas, as mulheres usam o ‘Peitão’ como forma de resistência à sexualização do corpo feminino e erotização do ato de amamentar, onde elas deixam os seios à mostra e pintam seus dorsos com questionamentos.

### **Corpo vadio em movimento**

A palavra Vadia é comumente relacionada a sentidos pejorativos. Segundo o Dicionário Informal (2011) “vadia” pode ser definido como “termo de baixo calão utilizado para se referir a uma classe especial de mulheres que se dedicam a serem objetos sexuais masculinos”.

Ironicamente, a Marcha das Vadias traz uma proposta de

apropriação e ressignificação da palavra, lhe atribuindo valor e evocando afirmação da autonomia feminina. “Mesmo considerando a contradição acerca das marchas e do uso do termo *slut*, os protestos alcançaram uma escala mundial de debate na opinião pública de uma maneira que nunca aconteceu antes nas lutas feministas.” (VALENTI 2011 apud HELENE, 2013). Se o corpo feminino é visto como algo complementar e subjugado ao masculino, é um objeto que está sempre a lhe servir, quer siga o padrão do simbólico pré-estabelecido ou não. Com a apropriação da palavra,

[...] as marchas contestam as simbologias que carregam os corpos das mulheres dependendo de sua maneira de vestir, agir e locais que frequentam na cidade. [...] a organização [...] do espaço da cidade ainda é marcada pela existência de dois papéis exclusivos destinados às mulheres: ou você é “vadia”, “vagabunda” e “puta” (*slut*)/ou você é “esposa” e “moça de família”. (Helene, 2013, p. 5).



Assim, o termo “vadia” passa a simbolizar um ato de resistência aos padrões de feminilidade ideal, transcende os limites impostos às construções socialmente aceitas do que é ser mulher, “pode-se dizer que o corpo-vadio emerge em um jogo desconcertante onde ele movimenta a história ao mesmo tempo em que é um efeito dela” (BORGES, 2013, p. 90).

### **Corpo vadio recifense em movimento**

Na edição recifense, segundo o Jornal do Commercio, a Marcha reuniu 200 pessoas em sua primeira edição, em 2011. Com o passar dos anos e a estruturação da divulgação pela internet o movimento vem ganhando força e em alcançado cada vez mais adeptos. Não obstante, também há repercussão negativa, que pode ser identificada em comentários nos blogs, vídeos e álbuns de fotos nas fontes de divulgação. Além disso, na edição de 2015, ano em que a Marcha reuniu cerca de mil participantes, foram registrados conflitos no percurso, onde, segundo uma das organizadoras, um grupo com aproximadamente dez homens agrediu algumas das participantes com pedaços de pau, e posteriormente, houve agressões verbais e tentativas de abuso

vindas dos ambulantes da Avenida Conde da Boa Vista, por onde a Marcha transita. O conflito ganhou destaque na mídia local. Em entrevista ao jornal Diário de Pernambuco, Wedja Martins, uma das organizadoras, declarou que “A Marcha sempre foi pacífica. Mas não vamos tolerar que homens façam gestos obscenos, alisem e provoquem as mulheres. A gente luta contra isso”.

### **O discurso absorvido**

Segundo Foucault, “[o discurso] não é simplesmente aquilo que traduz as lutas ou os sistemas de dominação, mas aquilo, por que, pelo que se luta, poder do qual podemos nos apoderar.” (FOUCAULT, 1996, p. 10). Visto como um elemento material que é construído de poderes e perigos, o discurso está sujeito ao que o autor chama de princípios de exclusão. Para analisar o repertório interpretativo e captar uma amostra da impressão da população a respeito do discurso do movimento, uma entrevista foi realizada com um grupo focal, onde os participantes foram agrupados pela região em que habitavam e subdivididos em nível de escolaridade, idade e renda *per capita*; no total, nove pessoas foram entrevistadas, todas habitantes da Região Metropolitana



de Recife e estudantes de graduação. Os entrevistados possuíam entre 19 e 36 anos, conforme detalha o quadro demonstrativo abaixo:

| Quadro de perfil dos participantes |       |         |   |
|------------------------------------|-------|---------|---|
| <b>Participante 01</b>             | Masc. | 22 anos | Renda mensal <i>per capita</i> de até 1 Salário Mínimo      |
| <b>Participante 02</b>             | Masc. | 19 anos | Renda mensal <i>per capita</i> entre 1 e 2 Salários Mínimos |
| <b>Participante 03</b>             | Masc. | 29 anos | Renda mensal <i>per capita</i> acima de 3 Salários Mínimos  |
| <b>Participante 04</b>             | Fem.  | 21 anos | Não revelou sua renda                                       |
| <b>Participante 05</b>             | Fem.  | 26 anos | Renda mensal <i>per capita</i> entre 1 e 2 Salários Mínimos |
| <b>Participante 06</b>             | Fem.  | 29 anos | Renda mensal <i>per capita</i> de até 1 Salário Mínimo      |
| <b>Participante 07</b>             | Masc. | 36 anos | Renda mensal <i>per capita</i> entre 1 e 2 Salários Mínimos |
| <b>Participante 08</b>             | Fem.  | 21 anos | Renda mensal <i>per capita</i> acima de 3 Salários Mínimos  |
| <b>Participante 09</b>             | Masc. | 20 anos | Renda mensal <i>per capita</i> de até 1 Salário Mínimo      |

Ao iniciarmos a entrevista, houve espaço para comentários prévios a respeito da marcha, onde os participantes expressaram suas impressões e o

que já haviam escutado ou pesquisado sobre o movimento, obtivemos algumas respostas vagas, sem clareza do propósito da marcha. Um dos participantes citou uma edição da marcha em São Paulo, que envolveu símbolos religiosos em seu ato-ritual: “Em uma aula, eu ouvi falar da edição de São Paulo, [...] que elas estavam protestando contra a Igreja” (Participante 03); na fala de três participantes a questão da reivindicação de direitos apareceu: “Eu acho que é um conjunto de ideias [...] que as mulheres veem reivindicando[...] Acho que não é só em relação ao estupro, mas acho que elas reivindicam sobre a realidade delas [...] diante da sociedade.” (Participante 05).

Visto que, poucos participantes tiveram contato aprofundado com o discurso da marcha, observa-se que os sujeitos, ao se depararem com um discurso eventual, buscaram assimilar com suas vivências de discurso experiencial, como o discurso absorvido no ambiente familiar, social, como estruturas de ensino, etc.

Após a manifestação da percepção dos participantes, houve uma breve apresentação da história, contexto, disseminação e principais pautas do movimento, onde se abriu novamente espaço para comentários sobre a impressão que o discurso da marcha trouxe ao grupo.



O primeiro comentário foi em relação ao nome adotado, onde o Participante 01 expressou que “[o movimento] deveria mudar o nome, tá muito... Vulgar” que, em concordância com a Participante 08, declarou que o nome passava a impressão de que “é tudo puta”. Enquanto a Participante 04 afirmou que “[o nome] tem que ser pesado mesmo, até pro pessoal ‘pegar’”, em concordância, a Participante 05 prosseguiu “tem até um tom de ironia no nome, né? [...] não é porque a Marcha tem o nome das vadias que todo mundo que tá lá é ‘vadia’, e se for, o que é que tem também?”. Ainda sobre o nome do movimento, o Participante 07 afirmou que “o nome é uma crítica, na verdade, à opressão que as mulheres sofrem. Então, esse nome, se ele fosse alterado, talvez até perdesse um pouco o propósito da luta... E até de como surgiu”.

Foucault nos expõe os conceitos de controle na seleção, organização e redistribuição do discurso. O autor classifica como processos de exclusão do discurso a Interdição, a Rejeição e a Vontade de Verdade. Mesmo expondo ao grupo a relação do discurso da Marcha das Vadias com a situação que o criou, identifica-se resistência à palavra que dá nome à marcha, pela sua significância adquirida no imaginário social. Dessa forma, o termo “Vadia”, seria a

Palavra Proibida, que limitaria o alcance do discurso.

Em seguida, foram exibidas algumas fotos da edição do ano de 2015 da Marcha das Vadias em Recife, onde os participantes puderam visualizar algumas performances e as diversas formas de manifestação que estão presentes no ato-ritual do movimento. Depois da visualização das fotos, o grupo levantou questões a respeito da exposição do corpo feminino e recorreu à época festiva do Carnaval, criticando a exposição do corpo feminino em transmissões de canal aberto, como a Rede Globo, onde “as pessoas veem aquilo e acham normal, porque faz parte do país, porque é cultura” e que “quando [as mulheres] aparecem numa marcha com os peitos de fora, protestando, vem logo aquele senso comum ‘ah, é uma rapariga, é uma puta, é isso e aquilo” (Participante 05 e 07) .

A questão levantada pelo grupo com relação à exposição do corpo feminino nos remete ao conceito que Foucault propõe acerca das ritualizações do discurso. Onde o discurso se transforma em uma aparição aleatória, em lugares simbólicos, de acordo com as circunstâncias e posições (*status*) pré-determinadas por instituições de poder.

Durante a pesquisa com o grupo,



## XII CONAGES

XII COLÓQUIO NACIONAL REPRESENTAÇÕES  
DE GÊNERO E SEXUALIDADES

foram exibidas duas matérias de jornais locais sobre a edição do ano de 2015, ambas citavam o conflito que ocorreu durante a manifestação, exposto acima. Sobre os episódios, o grupo demonstrou repúdio às atitudes dos agressores e assediadores e alguns participantes comentaram a respeito da educação e da cultura machista de nosso país, com atenção à região nordeste.

Vai mais também pela questão cultural, né, a gente vive numa sociedade que as pessoas, principalmente aqui no nordeste, que é onde a gente vive, não tem ainda aquela consciência, acha que a mulher por estar com uma roupa tal, acha que ela é propriedade dele. Eu acho que entra mais na questão de forçar aquela tecla que a gente vem falando sempre, que é a questão da educação, pois, se você tá vendo que tá tendo um protesto ali, você não tem nada que chegar ali no meio e assediar, [...], se você não se sente bem com o que tá acontecendo, você sai. Não tem que chegar e agredir. Cada um tem o seu espaço ali naquela hora, e você tem que respeitar (Participante 03).

Na fala do Participante 03, constatamos a busca um suporte institucional para validar o discurso, tomá-lo por “verdadeiro”, num processo de limitação de Foucault identifica como Vontade de verdade.

A vontade de verdade, por fim, apoiando-se numa base e numa distribuição institucionais, tende a exercer sobre os outros discursos — continuo a falar da nossa sociedade — uma espécie de pressão e um certo poder de constrangimento (FOUCAULT, 1996, pg. 18).

Ao serem questionados se eles acreditavam que o discurso que a Marcha das Vadias traz poderia provocar esse tipo de mudança de pensamento, houve um consenso no grupo de que as manifestações trazem/trarão resultados, mas que de forma lenta, em longo prazo. “[a mudança] é uma coisa que você só vai ver, talvez, numa próxima geração” (Participante 9); “Elas estão fazendo a parte delas, pelo menos estão tentando. É melhor do que ficar de braços cruzados, que aí sim é que não iria acontecer mesmo nenhuma mudança.” (Participante 08).

Os participantes expressaram a impressão geral do movimento, após tomar



conhecimento de alguns pontos antes não tão claros, e, segundo a Participante 05, as mulheres que marcham, ao exibirem seus corpos e inquietações, experimentam e proporcionam uma forma de libertação:

Eu acho que é uma forma de você se sentir representada, de certa forma. Todos os nossos anseios, todas as nossas vontades, elas conseguem colocar ali naquele protesto, tudo o que a gente vem tentando mostrar. Aí é que vem aquela questão “ah, vocês estão tentando mostrar o que? Mostrar o peito? Mostrar a bunda?” Não. É toda uma coisa por trás. De você se libertar, de certa forma, de mostrar que a mulher é mais do que isso. Do que corpo, do peito. A mulher, em si, na sociedade. (Participante 05).

O grupo destacou a questão do extremismo, de movimentos em geral, quando a luta sai de uma conquista de direitos para um embate do feminino versus masculino. O que pode gerar uma deturpação dos valores defendidos pelo grupo, se não houver pontuação e equilíbrio para que o movimento seja “uma luta por igualdade, não uma luta de gêneros” (Participante 03).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ruth Benedict, em *Padrões de Cultura*, propõe: “não há ninguém que veja o mundo com uma visão pura de preconceitos. Vê-lo, sim, com o espírito condicionado por um conjunto definido de costumes, instituições e modos de pensar.” (BENEDICT, 2000, p. 14). Sua afirmação sintetiza toda a disciplinarização construída e proposta ao corpo feminino e aos modos de ser mulher em todos esses anos da História da Humanidade. As impressões colhidas na entrevista com o grupo focal revelam todo o processo de controle e reorganização, tal qual expôs Foucault, pelo qual esse discurso percorre. Ao, quase contraditoriamente, apropriar-se do corpo feminino como um símbolo e espaço de luta, o movimento *Marcha das Vadias* rompe com uma densa camada de costumes e crenças, causando a estranheza pelo rompimento, pois, se “o corpo, segundo uma análise discursiva, é “objeto e alvo do poder”” (FOUCAULT, 2012, p. 117), ao oferecer uma nova leitura do corpo feminino, o movimento detém o poder, porquanto, “o que o poder constrói são novos corpos, novas formas de se lidar com o corpo” (FOUCAULT, 2012, p.



120).

Sendo o discurso um caminho para que o sujeito se afirme como construtor de uma realidade, transformando-a – ao mesmo tempo em que é transformado por ela – o discurso da Macha das Vadias se configura como um precursor de mudanças.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BENEDICT, Ruth. **Padrões de Cultura.**

Lisboa: Edição Livros do Brasil.

BORGES, G. F. **“Re(com)posições discursivas de um corpo-vadio”**. In: PAULA, L. G. de; PAULA, M. H. de. *Confluências da Linguagem: Língua, discurso e Ensino*. Goiânia: Gráfica e Editora América, 2013, p. 87-101.

DIÁRIO DE PERNAMBUCO. **Ativistas ficam feridas na macha das vadias do Recife**. Recife, 2015. Disponível em: <[http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/05/30/interna\\_vidaurbana,578985/ativistas-ficam-feridos-na-marcha-das-vadias-do-recife.shtml](http://www.diariodepernambuco.com.br/app/noticia/vida-urbana/2015/05/30/interna_vidaurbana,578985/ativistas-ficam-feridos-na-marcha-das-vadias-do-recife.shtml)>. Acesso em 01 mar. 2016.

FOLHA UOL. **Rafinha Bastos pode ser investigado por piada sobre estupro**. São Paulo, 2011. Disponível em: <<http://f5.folha.uol.com.br/celebridades/947058-rafinha-bastos-pode-ser-investigado-por-piada-sobre-estupro.shtml>>. Acesso em 15 mar. 2016.

FOUCAULT, M.A **Ordem do Discurso**. 5°. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

\_\_\_\_\_. **Vigiar e Punir**. Petrópolis: Vozes, 2012.

\_\_\_\_\_. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1988.

GOMES, Carla, SORJ, Bila. **Corpo, geração e identidade: a marcha das vadias no Brasil**. Brasília: Revista Sociedade e Estado, vol 29, n. 2, p. 433-447, mai./ago. 2014.

HASHIMOTO, Érica Akie. **“Marcha das Vagabundas”**. Instituto Brasileiro de Ciências Criminais (IBCCrim). Data de publicação: 2011. Disponível em: <<http://www.ibccrim.org.br/noticia/13815-Marcha-das-Vagabundas>>. Acesso em: 10 abr de 2016.

HEILBORN, Maria Luiza. **“Corpo, Sexualidade e Gênero”**, in DORA, Denise Dourado (org.). *Feminino Masculino - igualdade e diferença na justiça*. Porto Alegre: Editora Sulina, 1997, p. 47-57.

HELENE, Diana. **A marcha das vadias – o corpo da mulher e a cidade**. Revista Redobra, n. 11, ano 4, 2013, p. 68 – 79.

INSTITUTO PATRÍCIA GALVÃO. **Dossiê Violência contra as Mulheres**. Disponível em: <<http://www.agenciapatriciagalvao.org.br/dossie/pesquisas/?iis=flacso-faculdade-latino-americana-de-ciencias-sociais>>. Acesso em 02 mar. 2016.



JORNAL DO COMMERCIO. **Cerca de mil ativistas protestam no centro do Recife.** Recife, 2015. Disponível em: <<http://jconline.ne10.uol.com.br/canal/cidades/geral/noticia/2015/05/30/cerca-de-mil-ativistas-protestam-na-marcha-das-vadias-no-centro-do-recife-183661.php>>. Acesso em 15 mar. 2016.

MEDEIROS, Raquel. **“Somos todas vadias”:** corpo, performance e representação no movimento marcha das vadias. Revista Senso Comum, nº 3, 2015, p. 30-41.

PICHONELI, Matheus. **“Se a mulher se comportasse haveria menos estupros”.** Carta Capital, São Paulo, 27 mar. 2014. Disponível em: <<http://www.cartacapital.com.br/sociedade>

/para-o-brasileiro-se-a-mulher-soubesse-se-comportar-haveria-menos-estupros-2334.html>. Acesso em 02 mar. 2016.

SAYÃO, Deborah Thomé. **Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrot e Pierre Bourdieu.** Florianópolis: Revista Perspectiva, vol. 21, n. 01, p. 121-149, jan./jun. 2003.

SWAIN, Tania Navarro. **Cuerpos construídos, superfícies de significación, processos de subjetivación.** In: FEMINIAS, M. L. (Org.). *Perfiles del feminismoiberoamericano.* Buenos Aires: Catalogos, 2007. v. II, p. 223-254.

"Vadia." Dicionário inFormal. São Paulo: Portal R7 Educação, 2012. Disponível em: <<http://www.dicionarioinformal.com.br/vadia/>>. Acesso em: 10 mar 2016.